

Orquidário



Cattleya labiata autumnnalis 'Serra Negra'

Volume 17, nº 2
abril/junho de 2003



Orquidário, Sociedade Brasileira de Orquidófilos S.C.

Orquidário
Revista, trimestral, publicada pela
Orquidário

Volume 17 nº. 2
abril a junho de 2003
ISSN - 0103-6750

Editor: Raimundo A. E. Mesquita
Comissão Editorial:
Waldemar Scheliga, Maria da Penha
Fagnani, Delfina de Araujo e Carlos
Eduardo M. Carvalho.

Deseja-se permuta com publicações afins. Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao Editor, em disquete, zip drive, cd, ou enviados por e-mail e, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da Orquidário conforme depósito e registros legais na Biblioteca Nacional e no INPI.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (©), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: Orquidário
Rua Visconde de Inhaúma 134/428
20.091-000, Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 2233-2314
Fax (21) 2518-6168
e-mail: orquidario@orquidario.com.br
Internet: <http://www.orquidario.com.br>

Diretoria Executiva

Presidente	Marlene Paiva Valim
Vice-presidente	Carlos A. A. de Gouveia
Diretores	
Técnico	Raimundo A. E. Mesquita
Admin.-Financeiro	Paulo Damaso Peres
Rel. Comunitárias	Sylvio R. Pereira

Conselho Deliberativo

Presidente	João Paulo de S. Fontes
Vogais	Waldemar Scheliga
	Carlos E. de Britto Pereira
	Carlos E. Martins Carvalho
	Eliomar da Silva Santos

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87 (†)

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02



CONTRIBUIÇÃO ANUAL DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1 ano/1 year	2 anos/2 years	3 anos/3 years
Filiação e contribuição anual	R\$70,00	R\$130,00	R\$190,00
Overseas Subscription Rates	US\$40.00	US\$70.00	US\$110.00
Via aérea: acrescentar R\$30,00/ano - By Air Mail: plus US\$20.00/year			

Orquidário

Revista da OrquidaRIO

Índice

Editorial		48
Álvaro Pessôa	Razões para hibridação	49
Rudolf Jenny	Catasetum saccatum Lindley	52
Nótula da OrquidaRIO	Catasetum saccatum ou osculatum?	57
Carlos Gouveia	Cultivo de vandáceas	58
Esplendor da <i>Cattleya labiata autumnalis</i>		66
Seções		
Pelas livrarias e outros lugares		68
Exposições pelo Brasil	Orquídeas no Jardim - 3ª edição	70
Pronto socorro orquidófilo	Manchas em folhas de <i>Zygopetalum</i>	72
Obituário	Érico de Freitas Machado	73
Publicidade		a partir de 74

Nossa Capa

O período que esta edição cobre, sobretudo o mês de abril, tem como emblema a floração de *Cattleya labiata autumnalis*, a que estamos dedicando, neste número um ensaio fotográfico exibindo alguns clones de rara beleza todos da coleção de João Paulo de Souza Fontes. Como não poderia deixar de ser a capa exibe uma magnífica floração da variedade 'Serra Negra', em foto de Álvaro Pessôa que a cultiva.

Créditos das Imagens

Capa e páginas 49, 50 e 51, Álvaro Pessôa; pag. 52, desenho extraído do Sertum orchidaceum de Lidley; 53,54 e 55, Rudolf Jenny; 57 e 72, Raimundo Mesquita, *Catasetum saccatum*; 57, Manabu Matida (com especial autorização da ABRACC), *Catasetum osculatum*; 58,60,62, 63 e 65, Carlos Gouveia; 59 e 61, Martin Motes; 66 e 67, João Paulo de Souza Fontes; 70 e 71, Sérgio de Araujo; 72, Marcos Moreno Carvalho.

O compromisso do editor de qualquer publicação é o de dar forma, a melhor possível, àquilo que se enquadre entre os objetivos e finalidades da publicação.

A editoria de Orquidário não foge dessa regra e, assim, na organização de cada número da revista, temos que pensar em como satisfazer às necessidades de informação dos nossos associados, o que mais lhes interessa em caráter permanente e nessa ou naquela das contingências de cada momento.

É muito claro, para mim, inclusive pelas conversas e correspondência que recebo, que um dos interesses mais permanentes dos nossos sócios vai para a formação das suas coleções, como organizá-las, mantê-las e como ir enriquecendo esse patrimônio que, se é sentimental, é, também, resultado de investimentos, não pequenos, já que a existência e manutenção de uma coleção de orquídeas significa gastos não só na aquisição de plantas, mas, ainda, em espaço, material de plantio, etc. Despende, outrotanto, o orquidófilo, muito do seu tempo no estudo da orquídea, do seu cultivo, nas pesquisas que tem de empreender e na troca, permanente, de informações com outros orquidófilos.

A OrquidaRio, nestes seus 17 anos de existência (mas é preciso não esquecer que, sendo, hoje, continuadora e sucessora da SBO, tem um passado bem mais longo) tem balizado sua atuação nessa linha e Orquidário, publicação oficial da entidade, não teria como deixar de refletir essa diretriz.

Neste número, procurou-se abrir espaço para questões como: por que hibridar, o que cultivar e como tratar determinado gênero. A isso respondem trabalhos de dois brilhantes orquidófilos do Rio, Álvaro Pessoa, que, por ser um devoto da criação de belas flores, responde à primeira questão, e Carlos A. A. de Gouveia, um dos melhores especialistas cariocas no difícil grupo da vandáceas (que ele diz ser “fácil” de cultivar, desde que se possa satisfazer as necessidades do cultivo...).

Prosseguimos, também, na linha de valorização das tão brasileiras catassetíneas, que começam a ser paixão crescente entre os orquidófilos e, isso, como resultado do trabalho, esforço e dedicação a essas belas plantas, daqueles que fundaram a exemplar Associação Brasileira de Cultivadores de Catassetíneas, ABRACC e sobre que iremos falar muito em breve. O estudo, reduzido mas denso, de Rudolf Jenny sobre *Catasetum saccatum* Ldl., está nessa linha.

Enfim, como todos verão, este número busca atender ao que está interessando e preocupando a orquidofilia nacional. Até mesmo nas mensagens publicitárias que a revista enfeixa e que, antes de serem meramente divulgação comercial, externam a paixão dos que se ocupam com o comércio de orquídeas e materiais para seu cultivo, como foi o caso de Érico de Freitas Machado que dedicou 53 anos de sua vida a essa tão ilustre família (lembro bem que, a cada ano que se iniciava, ele nos escrevia pedindo que aumentássemos de um, o algarismo que compunha a frase “... anos de experiência em orquídeas do Estado do Espírito Santo”). Até a próxima.

O Editor

Razões para hibridação

Parte 1- Venturas e desventuras

Álvaro Pessôa

Qualquer que seja o objetivo do hibridador, em matéria tão complexa como a obtenção de flores de orquídeas, ele estará sempre diante de um dilema. Ou cria o futuro em termos de presente e nesse caso trai o futuro, ou cria o futuro em termos de passado e nesse caso trai o passado.

Quando começamos a hibridar orquídeas, tínhamos um projeto claro em andamento. Precisávamos de plantas de porte pequeno e multifloras, com pouca vegetação e capazes de decorar mesas de restaurantes. Isto sem impedir que as pessoas conversando à mesa, fossem impedidas de cruzar olhares pela floração. Mais do que tudo: queríamos plantas para todas as estações. Não era um projeto fácil!

Foi só em 1990 que começamos seriamente a pensar e estudar o assunto. Em qualquer estudo de hibridação de orquídeas, curto prazo são cinco anos e médio prazo, dez. Algumas soluções se impunham pela facilidade e pelo óbvio. Como *Cattleya loddigesii* floresce em ju-

lho e *C. harrisoniana* floresce em fevereiro, cruzamos as duas espécies e cria-

mos o híbrido primário *C. Brazilian Midway*, recentemente registrado em Londres (ver foto na pag. 51), para obter flores em cacho, em plantas pequenas e de floração em épocas diversas dos pais. Botânicos meus amigos

ficaram escandalizados com a cruz. Francisco Miranda, a considerou uma “herética agressão ao meio ambiente”.

Outra alternativa surgiu no campo dos híbridos primários. A busca de uma solução típica para restaurantes. Plantas de tonalidade vinho, ou vinicolor.



Potinara Brazilian Toy



Lc. Angela, cruzamento refeito e cultivado por Álvaro Pessôa, que, também, fotografou.



Repetimos a velha *Lc. Ângela* (*C. labiata autumnalis* x *C. intermedia*, ver na página 49).

Contando com a generosidade de Luiz Carlos Petersen, obtivemos corte de *C. labiata* vinicolor ‘Ermel’. De Amândio Pinho Caetano ganhamos um corte de *C. intermedia* vinicolor aquinii ‘Karina’. Da cruz se obteve a *Lc. Ângela* na cor desejada.



Lc. Waikiki Gold

Foram todos criados na paleta de cores do “alemão” genial.

Acontece que as plantas criadas pela



Blc. Haw Yuan Moon



Sl. Cristina Miranda x *Lc. OrquidaRio*

Mais difícil foi trabalhar com híbridos da aliança de *Cattleya* (*Laelias*, *Cattleyas*, *Brassavolas* e *Sophronitis*). Porque quase tudo de excepcional que havia no Brasil em 1980, em matéria de híbridos (bem entendido) de *Cattleya*, havia sido criado por Rolf Altenburg. É incrível que, passados tantos anos de seu falecimento, mesmo em 2003, seus híbridos ainda sejam impecáveis: João Antonio Nicoli, José Dias Castro, Kunta Kintê, Raimundo Mesquita, Sônia Altenburg, Capitão Pessôa, Cecília Pessôa, ainda têm muito o que nos extasiar e servir de esteio para florir mais adiante.

casas Florália, eram quase todas grandes e de floração incompatível com mesas de restaurante. O desafio que se impunha era obter plantas com forma de rupícolas (espécies) com hastes longas e resistentes, e potencial genético capaz de reduzir o gigantismo das plantas existentes.

Cruzas com *Laelias* muito pequenas, como *L. liliputiana*, *L. reginae*, etc.... se revelaram inúteis. São verdadeiras usinas geradoras de redução.



Cattleya Brazilian Midway

Geraram plantas mínimas, quando cruzadas com verdadeiros gigantes da família *Cattleya*.

Foi nesse momento, por volta de 1990, que muitos passaram a prestar atenção nos híbridos *Lc. Waikiki Gold* (*Blc. Pink Surprise* x *Cattleya forbesii*) e *Blc. Haw Yuan Moon* (página 50). Penso que quase todos os hibridadores brasileiros se preocuparam em cruzá-la. Incluo-me entre esses. Os produtos são belíssimos e a redução ocasionada ficou compatível com o procurado. Veja-se o híbrido *Potinara Brazilian Toy* (*Blc. Haw Yuan Moon* x *Slc. Orient Amber* “Flórida”, ver página 49).

Acontece que muitos, mas não necessariamente todos, gostam de amarelo. E a progênie de plantas amarelas, prevalece até sobre o vermelho do *Sophronitis*. Era preciso obter outro esteio para conseguir plantinhas de flor

vermelha.

Francisco Miranda havia criado *Sl. Cristina Miranda* (*L. angereri* x *Sophronitis coccinea*) e a planta saiu pequena, multiflora, com haste de rupícola e lindo vermelho intenso. Esperançoso, passei a utilizá-lo. Foi um desastre! No híbrido primário *Sl. Cristina Miranda*, a *L. angereri* domou a *Sophronitis*. Todavia, já na segunda geração, a *Sophronitis* voltou com toda a força e “aleijou” a haste da planta. *Sl. Cristina Miranda*, cruzada com *Lc. OrquidaRio* (criação de Alexis Sauer) deu o desastre mostrado na página 50.

Álvaro Pessôa, Advogado e Orquidófilo, é sócio fundador da OrquidaRIO.
valefeliz@uol.com.br

Catasetum saccatum Lindley (1862)

Rudolf Jenny (*)

Tradução Waldemar Scheliga

Catasetum baraquinianum Lemaire (1862)

Catasetum christyanum Rchb. f. (1882)

Catasetum christyanum var. *obscurum* Rchb. f. (1884)

Catasetum colossus Schlechter (1925)

Catasetum histrio Klotzsch ex Rchb. f. (1856)

Catasetum saccatum var. *christyanum* (Rchb. f.) Mansfeld (1932)

Catasetum saccatum var. *eusaccatum* Mansfeld (1932)

Catasetum secundum Klotzsch ex Rchb. F. (1856)

Ocorrência

Catasetum saccatum ocorre em grandes extensões na Venezuela e através dos estados das Guianas, quase sempre até as regiões limítrofes com Colômbia e Peru. Assim como também no lado atlântico dos Andes. Bolívia foram encontradas plantas de *Catasetum saccatum*.

Possível confundibilidade

Essa espécie é muito variável e difere muito no colorido e forma das flores. Mesmo assim, dificilmente poderá ser confundida com outra espécie, com exceção de uma. As demais apresentam uma forma característica na fauce do labelo trilobado, com as longas e densas franjas na orla, que são inconfundíveis.

Variedades

Com o decorrer dos anos uma grande quantidade do *Catasetum saccatum* foram descritas. Em alguns casos, porém, tratam-se apenas de flores com formas com diferenças no colorido e, em outros casos, a Taxa descrita difere na análise floral. Só se referem, portanto, ao colorido e ao tamanho das flores. Em outros casos a Taxa descrita difere realmente na constituição das flores de *Catasetum saccatum* sensu



Catasetum saccatum. Desenho reproduzido do Sertum Orchidaceum de Lindley



LINDLEY. As seguintes variedades podem ser aceitas:

Catasetum saccatum, var. *chlorops* (Rchb. f.) Mansfeld - Feddes Repertorium (30:272.1932).

sin. *Catasetum saccatum*, var. *christyanum* forma viride Hoehne (Flora Brasílica 12: part.6.94.1932)

sin. *Catasetum christyanum*, var. *chlorops* Rchb. f. (Gardener's Chronicle 17:628.1882)

Essa variedade foi descrita por REICHENBACH novamente servindo-se de material oriundo da coleção do CHRISTY da Inglaterra dando o nome de *Catasetum christyanum*, var. *chlorops* 1882. No Scrap Books de John DAY encontra-se um desenho de boa qualidade da mesma planta. Na forma, as flores correspondem perfeitamente a *Catasetum saccatum*, mas são de colorido verde puro. MANSFELD mudou o nome para *Catasetum saccatum* var. *chlorops*. O mesmo se aplica à forma de colorido verde escuro de *Catasetum christyanum* descrito por Hoehne em 1942. As Taxa aqui reunidas representam uma variante de colorido verde de *Catasetum saccatum* do tipo normal. *Catasetum saccatum* var. *incurvum* (Klotzsch) MANSFELD (Feddes Repertorium (30:272.1932). *Catasetum cruciatum* Schlechter (Orquis 10:183. fig.43.1916) sin. *Catasetum incurvum* Klotzsch (Otto & Dietrichs Allgemeine Gartenzeitung 22:178.1854)

Catasetum saccatum var. *pliciferum* Rchb. F. (Gardeners Chronicle 1889.1182)

sin. *Catasetum stupendum* Cogniaux (Journal. des Orchidées 6:13.1895)

Essa variedade é baseada em *Catasetum incurvum* descrito por KLOTZSCH em 1854. A ilustração de *Catasetum incurvum* Klotzsch (Gardeners Chronicle) e *Catasetum stupendum* Cogniaux (Lindenia 9:t.487. 1895) demonstram claramente tratar-se nos dois casos de uma flor com labelo unilobado com orla fortemente franjada com colorido uni-



Flor feminina em foto de Rudolf Jenny

forme de verde. Esta forma floral também se observa no tipo da variedade *Catasetum saccatum* var. *pliciferum* descrita por REICHENBACH.

O remanejamento de *Catasetum incurvum* Klotzsch, nome mais antigo desse grupo, foi de autoria de MANSFELD em 1932.

Catasetum saccatum, var. *album* hort. ex Pabst & Dungs (Orquidaceae Brasiliensis -1:233. fig. 1566 A 1975)

Esta variedade foi encontrada apenas uma só vez, por PABST & DUNGS e ilustrada sob tal nome. O desenho mostra claramente tratar-se de um tipo

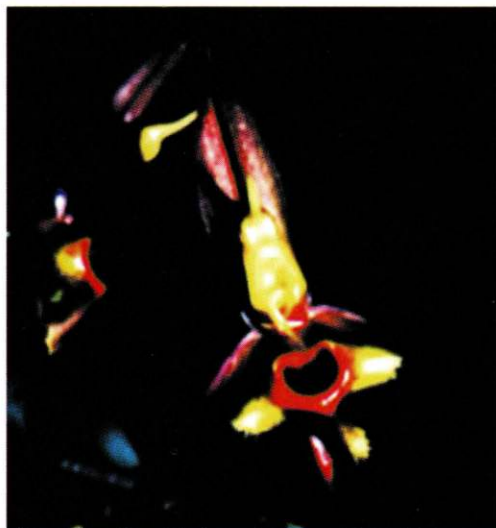


albino, branco pleno, do *Catasetum saccatum* normal.

Histórico

Catasetum saccatum foi descrito por John LINDLEY no Edwards Botanical Register (26:misc.76.l840), A planta que serviu de base para a descrição, presumidamente, veio da Guatemala, importada por LODDIGES da Inglaterra. Portanto a origem da planta é incerta, porquanto nesse meio tempo não se registrou outra ocorrência naquele país. É sabido que os importadores de orquídeas divulgavam propositalmente orientações errôneas para despistar os concorrentes e assim conservar a sua exclusividade sobre a proveniência da espécie. A descrição foi feita sem ilustração. A publicação de uma pretensa flor original de LINDLEY no mesmo ano foi publicada em Sertum Orchidaceum. Em 1855 REICHENBACH revisou uma certa quantidade de orquídeas vindas do Peru, coletadas por RUIZ & PAVON. Na publicação do resultado desse trabalho na revista Bonplantis não só menciona *Catasetum saccatum*, como também dois sinônimos: *Catasetum histrio* Klotzsch e *Catasetum secundum* Klotzsch. Nos dois casos trata-se evidentemente de 'nomina nuda', ou seja, um nome sem descrição ou ilustração em qualquer órgão de divulgação.

Catasetum christyanum foi descri-



Flor masculina fotografada por Rudolf Jenny

to pelo próprio REICHENBACH sobre material proveniente da coleção de CHRISTIS da Inglaterra e publicada em 1882 no Gardeners Chronicle 17:588,1882). O tipo, depositado no herbário de REICHENBACH evidencia claramente que *Catasetum christyanum* é meramente uma variedade mais escura de colorido de *Catasetum saccatum* e, ainda, com sépalas e pétalas um pouco mais largas. Novamente foi MANSFELD que modificou, em 1932, o nome *Catasetum saccatum* var. *christyanum* para *Catasetum saccatum*. Também *Catasetum christyanum* var. *obscurum* de 1824 representa simplesmente uma variação de colorido de *Catasetum saccatum* var. *christyanum*. Essa planta também veio da coleção de CHRISTI da Inglaterra.

Catasetum baraquinianum foi descrito e ilustrado por Charles LEMAIRE baseado em material remetido do

Brasil por BRAQUIN em 1862. A figura mostra de maneira mais ou menos clara tratar-se de uma forma idêntica à do *Catasetum saccatum*.

O nome *Catasetum colossus* foi criado e publicado por Rudolf SCHLECHTER no Beiheften zum Botanischen Centralblatt 42:118.1925. A descrição ocorreu ao mesmo tempo em que outras espécies de *Catasetum* eram coletadas por HÜBNER no Brasil. Lamentavelmente dessa espécie não foi conservado um tipo nem uma ilustração. Na opinião de MANSFELD, que, em 1932, ainda teve ocasião de ver o tipo, trata-se igualmente de uma forma com flores maiores de *Catasetum saccatum*. *Catasetum incurvum* Klotzsch foi descrito por KLOTZSCH na Allgemeine Garterzeitung (22:175. 1854) baseado em planta proveniente da coleção de MATTHIEU. De acordo com informações de KLOTZSCH a planta foi coletada por WARSCEWICZ no Peru e segundo declarações de MANSFELD o tipo dessa espécie não mais existe. REICHENBACH ao revisar em 1861 o gênero *Catasetum*, no Anales Botanices Systematicae, colocou esta espécie entre *Catasetum saccatum* e *Catasetum colossus*. O tratamento do *Catasetum incurvum* como uma variedade de *Catasetum saccatum* só foi realizada em 1932 por MANSFELD.

Catasetum stupendum foi descrito por Alfred COGNIAUX em 1895 sem ilustração na revista Journal des

Orchidées e alguns meses mais tarde ilustrada na Lindenia. A prancha mostra, sem qualquer dúvida tratar-se de um sinônimo do antigo *Catasetum incurvum* Klotzsch. A planta de COGNIAUX foi coletada no Peru presumidamente



Flor hermafrodita de *Catasetum saccatum*.
Foto de Rudolf Jenny

por WARSCEWICZ. Também nesse caso a mudança foi realizada para *Catasetum saccatum* por MANSFELD.

Catasetum cruciatum foi divulgado pela primeira vez por SCHLECHTER, em 1915, na revista Orchis e, mais tarde, descrita de forma válida e ilustrada na mesma revista. A planta veio por intermédio do orquidário BAYRODT da coleção do Barão von FUSTENBERG e dali para SCHLECHTER. A ilustração mostra



uma forma entre *Catasetum saccatum* e *Catasetum saccatum* var. *incurvum*, mas, sem dúvida, mais parecida com a segunda espécie. A mudança para *Catasetum saccatum* foi feita por MANSFELD.

Resumindo, pode verificar-se a existência de dois grupos bem distintos, um com labelo unilobado geralmente de colorido verde com nítidas manchas vermelhas ou orla vermelha. A esse grupo pertencem *Catasetum saccatum*, var. *incurvum* (Klotzsch) Mansfeld

Catasetum cruciatum Schlechter

Catasetum incurvum Klotzsch

Catasetum saccatum var. *pliciferum* Rchb.f.

Catasetum stupendum Cogniaux

O segundo grupo engloba todas as formas que pertencem a *Catasetum saccatum* sensu Lindley e apresentam um labelo nitidamente trilobado com diferentes colorações, desde o verde até vermelho escuro. Estes são da taxa:

Catasetum saccatum Lindley
Catasetum baraquinianum Lemaire
Catasetum christyanum Rchb.f.
Catasetum christyanum var. *obscurum* Rchb.f.
Catasetum colossus Schlechter
Catasetum histrio Klotzsch ex Rchb.f.
Catasetum saccatum var. *album* Hort. Pabst & Dungs
Catasetum saccatum var. *chlorops* (Rchb.f.) Mansfeld
Catasetum saccatum var. *christyanum* (Rchb.f.) Mansfeld
Catasetum saccatum var. *christyanum* forma viride Hoehne
Catasetum saccatum var. *eusaccatum* Mansfeld
Catasetum secundum Klotzsch ex Rchb.f.

Nessas taxas estão incluídas as formas de colorido verde e albino, podendo ambas ser mantidas como varieda

(*) **Rudolf Jenny**

Moosweg

CH-3112 Allmendingen



A SUA SOCIEDADE PRECISA CRESCER.

**TRAGA NOVOS SÓCIOS
E SEJA PREMIADO.
LEIA AS CONDIÇÕES NO PRÓXIMO
BOLETIM**

Catasetum, saccatum ou osculatum?



Raimundo Mesquita

Catasetum Saccatum Lindl



Manabu Maeda

Catasetum osculatum Lacerda & P. Castro, sp. nov.

Rudolf Jenny, no excelente artigo que antecede esta nótula, não menciona, nem discute a validade da denominação *Catasetum osculatum*, como espécie válida. A pretexto de acrescentar um outro ângulo extraímos do site elparaíso.org/orchidata/ctsm_abracc/ctsm_21.htm, dados da Associação Brasileira de Cultivadores de Catasetíneas - ABRACC, as considerações abaixo, com o único propósito de tornar a discussão taxonômica mais abrangente.

“O *Catasetum osculatum* já é conhecido do meio orquidófilo brasileiro, principalmente dos aficionados da subtribo Catasetinae, como *Catasetum Saccatum* variedade Christyanum (Reichb.f.) Mansf., porém o tipo deste se refere a uma planta dos arredores de Manaus, Am., com características do tipo do *Catasetum saccatum* Lindl. O erro se deve a um desenho publicado na Flora Brasileira de F.C. Hoehne, vol. XII, VI Tab. 54-, que identifica como *Catasetum saccatum* var. Christyanum a espécie em descrição. *Catasetum*

osculatum é originário do Planalto Central desde a Chapada dos Parecis aos limites da Baía do Araguaia, nos Estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e distingue-se facilmente do *Catasetum Saccatum* por características morfológicas bastante diferenciadas, pela distribuição geográfica não coincidente e até pelas exigências horticulturais. Forma com *Catasetum incurvum* Klotzsch e *Catasetum schimidtianum* Miranda & Lacerda um grupo de espécies afins, mas claramente distintas.

Morfológicamente, as principais diferenças entre *Catasetum osculatum* e *Catasetum saccatum* são:

- O *Ctsm osculatum* apresenta haste floral que se inicia ereta, arqueia-se pelo peso das flores, enquanto o Saccatum tipo apresenta haste floral pendente.
- Os pedicelos das flores masculinas e femininas de *Ctsm osculatum* têm respectivamente até 3,6 e 3,5 cm de comprimento, enquanto os de *C. Saccatum* têm até 6,0 e 3,5 cm de comprimento respectivamente.”



Cultivo de vandáceas



Vanda Fuchs Delight 'Motes Jubilation', Foto e cultivo: Carlos A. A. de Gouveia

Estava eu, ainda neófito e recém inoculado pelo vírus da orquidofilia, lendo um Boletim da American Orchid Society, quando me deparei com um artigo do Dr. Martin Motes (Motes, Martin. 1988 - *Unraveling a Rainbow - American Orchid Society Bulletin* vol. 57) sobre um grupo de plantas que pouco conhecia.

Falando de *Vanda* e *Ascocenda*, ele comentava sobre a miríade de cores, a magnífica forma, a quantidade de flores e a floração várias vezes por ano que elas apresentavam. Motes perguntava quem poderia querer algo mais de uma planta. Ele mesmo respondia: um orquidófilo, que sempre buscaria mais flores, maiores, em tons ainda não consegui-

dos. Mas o detalhe mais notável para mim era a recomendação de condições de cultivo:

- Umidade elevada,
- Muita luz,
- **CALOR.**

Parecia um sonho, eu achara uma família maravilhosa de plantas que gostava de calor... Já somava decepções com *Odontoglossum*, *Cymbidium*, *Lycaste*, *Masdevallia*, *Paphiopedilum*, que eram maravilhosas, mas recomendadas para climas muito mais amenos do que o que nós dispomos no Rio de Janeiro.

Só restava experimentar o seu cultivo. Enfrentei então um obstáculo inesperado - na época era impossível encontrar vandas para comprar! Acreditem, ninguém tinha plantas disponíveis. A Florália tinha um grupo de plantas importado anos antes, mas quase todas estavam sem identificação e mesmo assim a Sandra Oddebrecht não se mostrava disposta a comercializar as mesmas. Na verdade ela me prometeu alguns exemplares, mas não queria cedê-los na presença de mais candidatos e jamais chegamos a conseguir efetivar a aquisição.

Existiam também informações sobre a dificuldade de cultivo das vandáceas, ao contrário do lido, muitos tinham histórias de perdas e cultivo precário. Na verdade fui descobrindo que o pessoal tinha pouca informação de como culti-



Vanda denisoniana 'Mary Motes'
Cultivo e fotos: Martin Motes

var estas plantas. Todo mundo conhecia bem o trato para cattleyas, quando das primeiras importações, orquídea era *Cattleya*. Enfiaram as vandas em vasos com xaxim, podando as raízes ao envasar, regando como o resto e as plantas começaram a morrer, desidratadas, com perda de folhas, apresentando a famosa configuração “pescoço de galinha pe-

lada” (longo rizoma sem folhas, que só existiam no topo). A luz também era pouca e as sobreviventes não floriam. Logo vieram as informações do hemisfério norte, que recomendavam sol pleno, sem sombra, calor máximo e umidade elevada. Como os autores viviam em regiões temperadas, suas plantas eram cultivadas em estufas aquecidas e iluminadas artificialmente, assim sendo falávamos de temperaturas na faixa de 30° C, sol nunca muito quente, com verões de alguns dias por ano. Seguidas as instruções ao pé da letra, as vandáceas simplesmente queimavam, torrando ao sol de 42° C. Foi preciso começarmos a manter contato com a Tailândia, pátria mãe das vandáceas e com clima próximo ao nosso para conseguirmos clarear a situação e voltar a poder comprar plantas de qualidade. Eu, particularmente, consegui começar minha coleção na 15th World Orchid Conference em 1996, quando tive chance de conhecer Martin





Ascocenda Udom Chai 'Bart Motes'

Cultivo e foto Carlos Gouveia

Motes e Robert Fuchs, dois dos melhores produtores da Flórida.

Antes de iniciar as sugestões de cultivo, quero ressaltar que, quando falamos de orquídeas, nunca podemos dar uma versão definitiva, irretocável, mas apenas algumas normas que sabidamente funcionam. Condições muito diferentes das aqui colocadas podem funcionar, em circunstâncias peculiares.

Outro elemento é que existem vandáceas e vandáceas, ou seja, estão aqui agrupadas plantas de origem muito variada, algumas de regiões quentes, outras de serra, sol pleno e sombra, assim sendo seus híbridos podem apresentar características bem diferentes.

Vasos e substrato

Aqui encontramos um ponto polêmico. De forma geral as vandáceas não

precisam de substrato, seu hábito vegetativo exibe longas raízes aéreas, com vigoroso crescimento monopodial. Alguns cultivadores ainda preferem plantar, principalmente os “seedlings” em xaxim ou meio semelhante. Na verdade esta prática não chega a causar problemas, as vandas simplesmente lançam raízes para fora do meio e vão em frente. Minha experiência mostra, no entanto, que as plantas desenvolvem sistema radicular mais rapidamente se permitirmos liberdade para suas raízes. Pode-se usar pedaços de madeira ou cortiça para suportar a planta no vaso quando de sua montagem, mais do que isto não é necessário. Motes usa nos potes comunitários cestinhas de plástico com um pouco de casca de *pinus*, que tem a função de arrumar as plantas na cesta. Na Tailândia eles simplesmente colocam as plantas sobre uma peneira,

cuidando para que fique acima (sem contato) de uma lâmina de água que garanta umidade.

Podemos usar qualquer vaso para fixar as plantas e pendurá-las. A maioria prefere caixetas de madeira para fazê-lo, mas ultimamente tem sido adotadas caixetas de plástico com bons resultado e bem mais baratas. Algumas pessoas usam simplesmente atar firmemente as plantas a um arame, pendurando assim as plantas; tal prática tem a vantagem de economizar



Vascostylis Pretty Girl.

Foto e cultivo: Carlos Gouveia. A planta é cultivada com liberdade. A haste de arame serve apenas para pendurar



Vanda rothschildiana Sally Roth
Foto e Cultivo Martin Motes

espaço, permitir crescimento livre e baixo custo, mas fica menos estético e prejudica a apresentação da planta fora do orquidário. Alguns híbridos tipo *Kagawara* (*Ascocentrum* x *Renanthera* x *Vanda*), *Mokara* (*Arachnis* x *Ascocentrum* x *Vanda*), *Christieara* (*Aerides* x *Ascocentrum* x *Vanda*) e com vandas teretes (hoje chamadas *Papilionanthe*) são colocadas em vasos para suportar seu peso. Nestes casos, sinasita ou brita são usados para firmar as plantas nos vasos.

Caso você goste de vaso com xaxim, cuidado para não manter as raízes encharcadas, elas não gostam disto.

Temperatura

Uma das variáveis mais críticas do cultivo de vandas é a temperatura. De forma geral elas são descritas como plantas da seção quente das estufas, sendo que *Vanda coerulea*, *Vanda roeblingliana* e *Vanda tricolor* são espécies originárias de altitude, o que recomenda temperaturas mais brandas. Seus híbridos próximos tem maior tolerância a temperaturas mais baixas e são mais

sensíveis a estresse por calor excessivo.

Na verdade as vandáceas típicas vegetam bem em temperaturas entre 15°C e 36°C, preferindo ficar entre 20°C e 32°C. Temperaturas abaixo de 15°C podem ser alcançadas sendo algo em torno de 10°C o seu limite inferior. Quando expostas à frio maior, as plantas param de crescer, estancam as raízes e se submetidas a muitas horas de baixas temperaturas podem perder folhas e raízes. Depois de estresse por frio suas vandas necessitarão de um longo período quente para se recuperar, perdendo com isto tempo de crescimento, atrasando floração, produzindo poucas flores, menores que o desejado e com coloração insuficiente. Contínuo estresse leva, inevitavelmente, à perda da planta. Cuidado especial deve ser dado a ventos frios, que podem desgastar as plantas, em especial seu sistema radicular, mesmo que a temperatura ambiente não esteja abaixo de 15°C. Proteger as plantas de vento frio, quer com fechamento da estufa, quer com cobertura das plantas por plástico transparente é recomendável.

Por outro lado, quando os termômetros superam os 36°C, as plantas começam a sofrer também. Regra geral, imagine, se está desconfortável para uma pessoa, também está inconveniente para as vandas. Nestas circunstâncias, pulverização e rega devem ser ministradas, não só para repor a umidade, como também para reduzir a temperatura da estufa e das folhas. Lembre-se, vandas e asco-





Ascocentrum ampullaceum Album. Cultivo e Foto Carlos Gouveia

centrums são vegetais provenientes de florestas tropicais, não do inferno.

Luz

A luminosidade também tem suas nuances. A fama é de necessitarem muita luz, o que é meia verdade. *Euanthe sanderiana* (ex *Vanda sanderiana*), importantíssima espécie com enorme influência na maioria dos híbridos de vandáceas, necessita de grande luminosidade, beneficiando-se de um pouco de sol direto nas primeiras horas da manhã. Sombreamento de 40 - 50% é adequado para cruzamentos com *Enth. sanderiana* predominando. Híbridos com grandes participações de *Ascocentrum* podem ser cultivados da mesma forma.

As outras vandas preferem 50-60% de sombreamento, podendo ser mais iluminadas durante o inverno. Uma pequena exposição a sol matutino pode ser

benéfica, mas são mais suscetíveis a queima em dias quentes.

Exceções são as chamadas vandas teretes, com participação de *Papilionanthe teres* ou *Ppllnt. hookeriana*. Com suas folhas roliças, parecendo “rabo-de-rato”, são adequadas a sol pleno. Quando cruzadas com vandas comuns produzem as chamadas semi-teretes ou quarter-teretes, que serão menos resistentes ao sol. Uma regra simples seria partir de 10% de sombra para plantas com 90% de teretes até 50% de redução luminosa quando elas contribuem com 10% ou menos.

Espécies e híbridos intragenéricos de *Renanthera* gostam de pouca sombra 20% a 30%. Seus híbridos próximos também preferem tais condições. Não acredite em sol pleno, a maioria das renantheras não vegetam satisfatoriamente



Luicentrum Thai Sunshine.
Cultivo e foto Carlos Gouveia

te assim, a menos que você esteja em região serrana ou com intensa ventilação. Os comentários deste parágrafo se aplicam a *Arachnis* e seus híbridos.

Híbridos com *Rhynchostylis* e *Paraphalaenopsis* precisam de menos luz, se adaptando melhor em ambientes com 70% a 75% de sombra. Em meu viveiro eu as coloco em uma camada sob as outras vandas. Caso você compre híbridos com presença de *Phalaenopsis* ou *Doritis* (são poucos, mas existem), use os mesmos critérios deste parágrafo.

Claro que a luz é uma variável afetada pela temperatura ambiente, assim sendo procure a melhor situação para sua realidade. Folhas verde escuro significam insuficiência de luz e folhas amarelo palha excesso luminoso. A cor ideal é verde bem claro, quase amarelando.

Rega

Neste aspecto temos enfim um padrão. As vandáceas necessitam de abundante rega. Mas, cuidado, suas raízes precisam secar. Aqui mora o maior risco de cultivá-las em substrato. Vandas não possuem pseudo bulbo par armazenar

água, e vegetam o ano inteiro, logo precisam de água sempre. Ao contrário de *Phalaenopsis* suas raízes são sensíveis a ficarem molhadas. Assim sendo, caso goste de meio de cultivo, garanta drenagem muito rápida e atenção para manter o equilíbrio rega/umidade nas raízes.

Em cultivo com raízes livres, regas diárias são eficientes, mesmo durante o inverno. As raízes devem ser molhadas generosamente. As vandáceas se adaptam muito bem a rega por pulverização, uma vez que o menor tamanho de gota apresenta eficiência superior. Como orientação, observe a cor das raízes, quando secas elas são brancas, assumindo coloração verde quando saturadas com água. Depois que estão verdes, continuar a rega é mero desperdício de água. Algumas pessoas prescrevem 20-30 minutos de pulverização, o que só se justifica em dias de extremo calor, para diminuir a temperatura e recuperar a umidade relativa do ar. Na minha opinião, 3 regas de 5 minutos ao longo do dia são mais eficientes do que uma pulverização de meia hora, do ponto de vista das necessidades de água da planta. Várias regas são desejáveis em dias de mais de 30° C, uma vez que a umidade relativa do ar cai bastante, principalmente nas cidades.

Procure evitar molhar no fim do dia, acho que 16 horas (horário de verão) é o limite máximo para a última rega do dia. Nos meses mais frios, procure regar bem cedo, permitindo que a planta seque até o anoitecer. Aliás nos meses quentes também, Deus ajuda quem



cedo madrugada e rega suas vandas.

Adubação

Aqui também a regra vale para todas as plantas do artigo. Vandáceas são plantas “gulosas”, ou seja, adoram adubo. A dose recomendada é 200 a 300 ppm (partes por milhão, em peso) de nitrogênio por semana. Isto é mais do dobro do que cattleyas desejam e o triplo do usado em phalaenopsis! Quando você pensa em adubar vandas e ascocendas, pense em frequência elevada. Explicando melhor: algumas plantas tem metabolismo lento, caso das laelias por exemplo, se adaptando bem a adubação quinzenal. Vandas crescem sempre e muito rápido, consomem nutrientes e adubar com longos períodos de fome não funciona. Caso você, raciocinando por exagero, resolvesse adubar mensalmente, a dose de adubo seria tão elevada que a planta não seria capaz de reter o adubo, quase certamente perderia água pela concentração de sal e teria o crescimento prejudicado. Quanto menor o período entre as fertilizações melhores os resultados. Eu adubo todo dia.

A utilização de adubo orgânico é complicada em vandas, uma vez que o sistema radicular é, por vocação, aéreo. Como colocar mamona ou outro adubo orgânico em raízes soltas, pairando no ar? Recomendo adubo químico. Caso você use 20-20-20, a dosagem acima significa de 2 g a 3 g por litro em adubações semanais. Para frequências maiores, divida esta quantidade pelo número de adubações que você faz ao longo da semana.

Como as vandas costumam florir mais de

uma vez por ano, fica difícil usar adubo de floração (10-30-20) na época certa. Normalmente usamos fazer uma adubação com alto fósforo na quarta ou quinta adubação. Eu como adubo todo dia, faço 4 semanas com 20-20-20 e uma semana com 10-30-20, com bons resultados. Adubos com alto teor de Nitrogênio (30-10-10) são usados apenas em “seedlings” pequenos, vandas já tem uma certa tendência a crescer demais, fartura de Nitrogênio só agravaria o fato, gerando plantas com 1,5 m a 2 m de altura, sem floração compatível com o tamanho.

Uma profilaxia saudável é, no início do inverno fazer uma pulverização com sulfato de magnésio (2 % em peso) para prevenir folhas avermelhadas por carência de Mg. Adubos concentrados em Mg, como o Peter's CaoMag também podem ser usados.

Divisão de plantas

Uma vez que plantas monopodiais não possuem pseudo bulbos, sua divisão apresenta outras características. Típicas vandas crescem muito, principalmente quando tem grande parcela de *Vanda tricolor*, alcançando tamanho incompatível com as estufas. Devemos esperar que a parte superior da planta desenvolva pelo menos duas raízes robustas e vigorosas. Proceder corte abaixo das raízes, montando a parte superior em cestas, vasos ou onde você preferir. Caso as raízes estejam boas, o topo cortado cresce sem problemas. Deixar a base da planta em um local menos iluminado, onde, provavelmente, haverá o surgimento de brotações laterais de



plântulas (os chamados “*keikis*”), esperar as brotações desenvolverem raízes próprias e então cortar os *keikis*, montando como plantas normais.

Quando for reenvasar, evite danos ao sistema radicular, elas se ressentem e podem levar bastante tempo para se recuperar. Ao contrário de cattleyas ou phalaenopsis, que gostam de renovar as raízes, em vandas apenas as raízes secas devem ser removidas.

Alguns híbridos de *Ascocentrum*, *Rhynchostylis* ou *Neofinetia* tendem a formar *keikis* em plantas pequenas. Como estes indivíduos não costumam crescer muito, é recomendável manter as ramificações, obtendo assim uma planta que pode florir com várias hastes.

Se você simplesmente deseja reenvasar sua planta devido ao crescimento, o mais prático e seguro é simplesmente colocar a cesta menor em uma cesta maior, sem ferir as raízes. Se você usa substrato e vaso de cerâmica, fica mais difícil, quebre o vaso, retire todo o meio e procure ajustar, carinhosamente, sua orquídea no novo vaso, com o mínimo de perda de raízes. Se você cultiva em arame, nunca vai precisar trocar nada, no máximo terá de emendar o arame.

Comentários finais

Vandáceas são um vício dentro do vício orquidófilo. Poucos conseguem resistir as suas muitas qualidades sendo normal aumentar sempre sua coleção. Hoje cerca de 70 % de meus estoque de plantas é constituído de vandáceas. Vandas são plantas loquazes, sempre



Ascocentrum miniatum

Foto e cultivo: Carlos Gouveia

nos informando sobre sua satisfação aos cuidados que lhe estamos fornecendo. Explicando melhor, elas respondem rápido quer ao bom, quer ao mau cultivo. Enquanto cattleyas podem levar meses para demonstrar melhora ou deterioração do cultivo, vandas reagem em dias. Raízes fortes, vigorosas crescentes, folhas eretas e bem formadas demonstram boas

condições, crescimento contínuo, florações abundantes e duradouras espelham adubação correta. Ao contrário sistema radicular secando, pontas de raízes queimadas, folhas enrugadas, perda de folhas certamente são sintomas de luz, rega ou temperatura inadequadas; hastes abortando, flores mirradas e crescimento estagnado refletem adubação equivocada.

Quando você obtiver uma vandácea florindo em condições ótimas, nunca mais vai se satisfazer com uma floração mediana. A forma, a cor, o tamanho e a durabilidade de uma boa haste de vandácea é inesquecível e incomparável. Desejo a todos sucesso no trato destas preciosidades. Como dizia o Dr. Moraes, é como desfiar um arco-íris.

Carlos Antonio Akselrud de Gouveia é engenheiro químico, antigo e experimentado cultivador de orquídeas. Mora num dos bairros quentes do Rio, a Penha, na Zona Norte da cidade.

E-mail: gouveia@novanet.com.br.



A GLÓRIA DA *CATTLEYA LABIATA AUTUMNALIS*





Este número cobre período em que se conclui a floração anual da *Cattleya labiata autumnnalis*, uma das orquídeas mais importantes do Brasil. Por isso é que publicamos a sequência de fotos, que mais do que qualquer texto mostra a glória dessa flor emblemática, presente em enorme quantidade de híbridos de *Cattleya*.

Orquidário agradece a João Paulo de Souza Fontes a cessão de fotos suas e de flores, também de sua coleção, para esta publicação.



Pelas Livrarias, Bancas e Arredores **Raimundo Mesquita**

Uma revista orquidófila comercial.



Quantos orquidófilos ativos tem o Brasil? Provavelmente quem melhores condições tem para responder essa difícil pergunta é Oscar V. Sachs Jr., o Editor (e editor vai assim mesmo, com a maiúscula de admiração pela sua competência, franqueza, coragem e seriedade) de Brasil Orquídeas, uma revista comercial voltada para a divulgação das orquídeas. E isto porque ele sabe, melhor do que qualquer um de nós, quantos exemplares vende e distribue a cada número.

Digo “revista comercial” sem qualquer propósito depreciativo, mas apenas para enfatizar que é uma publicação sem qualquer clubismo ou vínculo com sociedades orquidófilas, embora sejam notórias as ligações do Oscar com a CAOB, de que foi editor e à qual, nos começos de sua revista, abriu generoso espaço. São notórias, também, as relações do Editor com Orquidário, de que tem sido, como ele mesmo se intitula, “Ombudsman”, ou Ouvidor, como assenta melhor no português que ele tanto ama.

Com a sua sinceridade desabrida que é uma das suas características mais eminentes, Oscar sempre diz o que pensa e suas críticas, quando se para pensar, são sempre pertinentes.

Mas não estou aqui para traçar o perfil do Sachs, mas para falar de sua iniciativa de enfrentar o desafio de fazer uma revista orquidófila para ser vendida nas bancas de jornais e a um preço não tão baixo, dado o excelente padrão gráfico da publicação.

Estou convencido, como renitente editor de Orquidário, que Brasil Orquídeas é um ato heróico, pois, além de ter, a cada edição, que “matar o dragão” de conseguir matérias (e sem poder atrasar...), ainda tem que descobrir o que pode interessar ao leitor avulso, de bancas. Para descobrir o que interessa a esse leitor desconhecido (que, pelo menos teoricamente, não tem cara de orquidófilo, nem pertence a nenhuma sociedade orquidófila), não existe fórmula mágica, mas só o aprendizado que lhe vem da lição das bancas de jornal, das vendas avulsas.

Até aqui vai muito bem e só posso desejar que vá melhor, rumo ao propósito, nada escondido, de editar a melhor revista orquidófila do Brasil.

Nós, seus leitores, merecemos isso.

Coletânea Orquídeas Brasileiras - *Encycilia*

Em boa hora a Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil - CAOB



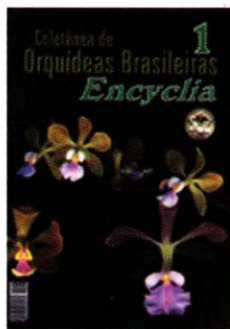
resolveu editar, em fascículos, uma série sobre as orquídeas brasileiras e confiou o preparo e edição do primeiro a Marcos Antonio Campacci, que, ademais de ser um profundo conhecedor do assunto, é responsável pelas inclusão de novas **taxas** ao gênero, como, ainda e não menos importante, pela exclusão de algumas, por inválidas.

Trabalho de divulgação de valor irrecusável e de muita utilidade para os amantes desse atraente gênero, além disso alia um bom aparato iconográfico que, em muito, ajuda a identificação das diversas espécies incluídas na coletânea. São incluídas 47 espécies, sendo que duas são novas.

Enriquece a publicação um pequeno glossário de termos botânicos, que só tem o defeito, comum neste tipo de manual, de deixar de fora alguns termos que se encontram até mesmo no fascículo e que mereceriam verbetes, tais como lóculos (só aparece a derivada loculado), concrescido, obpiriforme, etc.

Algumas falhas de digitação e revisão mas que não comprometem a qualidade do trabalho e só confirmam as traquinagens dos diabinhos da tipografia, mesmo com os poderosos corretores ortográficos dos computadores de hoje....

Espera-se e deseja-se a continuação da Coletânea com o mesmo nível desta primeira.



Uma página de INTERNET



Poucas pessoas sabem que Francisco Miranda, além de ser um dos mais importantes botânicos do Brasil, com especialização em orquídeas, é, também, um apaixonado por artes gráficas, fotografia e mostra, agora, que faz suas incursões pela internet com brilho, competência e preciosismo.

Todos sabem que ele se mudou para os Estados Unidos, Flórida, onde mantém um orquidário comercial, em que predominam orquídeas brasileiras frutos do programa de aperfeiçoamento conduzido pela sua mulher Cristina, que é, também, a especialista em laboratório.

Grande conhecedor de amplas regiões do território nacional e seus habitats de orquídeas, sobretudo Minas Gerais e Amazônia, onde viveu e pesquisou, trouxe essa sua experiência de campo para seu "site", brindando-nos com informações preciosas.

Vem de lançar uma página na internet que é exemplar, pela beleza plástica e, sobretudo pela qualidade iconográfica e pelo material informativo. Embora feita com finalidades comerciais a página do Francisco (que se intitula Brazilian Orchids e se acessa digitando <http://www.mirandaorchids.com>), evidencia a presença do grande especialista que é. Espero que nos ofereça uma versão em português.



Orquídeas no Jardim - 3ª Edição



Melhor planta da Exposição, *Vanda Robert's Delight*, cultivada por Francisco Maraschin

Nos dias 1 a 4 maio foi realizada a já tradicional Exposição de inverno da OrquidaRio no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Compareceram a mesma 11 orquidários comerciais.

O Show foi um grande sucesso de público e vendas, batendo o recorde de público do Jardim Botânico, com mais de 10 mil pagantes em suas bilheterias. Destaque deve ser dado à presença dos núcleos convidados da OrquidaRio, como a SON - Sociedade Orquidófila de Niterói e o grupo de Agulhas Negras, que compareceram com plantas de qualidade, enriquecendo sobremaneira o nosso Show.

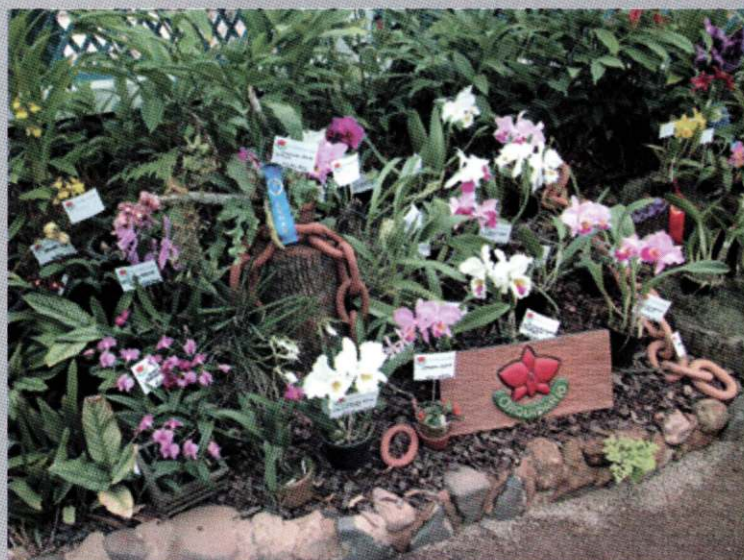
Aliás, a melhor planta da Exposição foi trazida por Agulhas Negras, uma *Vanda Robert's Delight* excepcionalmente florida, quer pelo tamanho das flores, quer pela cor, mas, principalmente, pela armação perfeita exibida, num magnífico cultivo de Francisco Maraschin.

O evento contou também com palestras sobre cultivo, ecologia e habitats de orquídeas, sendo sempre expressiva a presença de público. Tivemos também um Workshop de fotografia ministrado pelo professor José Luiz Lamoza da Escola de Fotografia Visual Arts (www.visualarts.com.br) que atraiu inúmeros interessados, que preencheram todas as vagas disponíveis.

Apresentamos aqui algumas fotos do evento, gentilmente cedidas por Sérgio Araújo.

Esperamos contar com todos em nossas próximas exposições.





Parte do estande da OrquidaRIO



Sociedade Orquidófila das Agulhas Negras, RJ



A fila para ingresso mostra o interesse público

Orquídeas no Jardim 3ª. Edição Fotos de Sérgio de Araujo



Ciclo de palestras: Delfina deAraujo falando de Cattleya

Manchas em folhas de *Zygopetalum*

Saudações amigos orquidófilos

Solicito ajuda:

Tenho uma pequena coleção de orquídeas dentro da sala de meu apartamento e após comprar uma *Zygopetalum crinitum*, em uma feira em minha cidade (São Paulo - Capital), ela começou a apresentar umas manchas escuras em suas folhas, mesmo aquelas que estão brotando, a princípio pensei que fosse manchas própria da espécie, mas com o tempo outra espécie diferente da *Zygopetalum*, que estava ao seu lado começou a apresentar as mesmas manchas. Gostaria que vocês me ajudassem a diagnosticar tal problema e se possível uma solução. (ver foto em anexo das folhas infectadas)

Desde já agradecido...

Um grande abraço a todos.

Marcos Moreno Carvalho

Prezado Marcos,



Planta sadia,
florindo bem

Não sei se você já viu *Zygopetalum* terrestres no habitat. Geralmente vegetam em barrancos, com bastante luz e ventilação abundante, em solos argilosos onde a água de chuva escorre rapidamente.

Desenvolvem raízes carnosas e extensas. Isto é capaz de explicar as dificuldades que enfrentam no seu cul-

tivo. Provavelmente o lugar onde cultivam tem muita umidade, pouca ventilação e, quem sabe, estejam regando em excesso (uma coisa me parece certa, estão jogando água em excesso sobre a folhagem, que é pouco espessa e sensível) e, assim, desenvolvendo fungos e bactérias com os sintomas que se vêem nas folhas que fotografaram e que costumam se espalhar com grande velocidade atingindo plantas próximas. Aplicar bactericidas e fungicidas não vai adiantar, pois o estrago já está feito. Acho que o melhor, se o aspecto estético lhe incomoda (até porque essas folhas iriam cair) é cortar todas as folhas atacadas aplicando no corte sobre os bulbos Anasseptil, pó, ou, mesmo canela em pó doméstica (cultivando em apartamento é perigoso usar pesticidas).

Use um substrato bem poroso e cultivem no lugar mais arejado e claro que tiverem. Creio que poderão, assim, recuperar as plantas.

Dêem notícias.

Raimundo Mesquita

Diretor Técnico da OrquidaRIO



Folhas de *Zygopetalum* atacadas por bactérias por regas sobre as folhas e excesso de umidade.

Érico de Freitas Machado

(1925 - 2003)

A OrquidaRIO à medida que avança no tempo (já vamos fazer, em junho, 17 anos de existência!), vai aumentando o número de seus mortos queridos.

Agora foi Érico de Freitas Machado, um dos grandes orquidófilos do Espírito Santo. Mas ele não era capixaba e sim alagoano, de uma cidade chamada Pão de Açúcar, onde nasceu a 4 de setembro de 1925.

Casou-se com Helga e, com ela, teve três filhos, ganhando uma neta que dele recebeu o nome, Érica.

O seu título de Agrônomo por certo facilitou os seus extensos conhecimentos sobre orquídeas e ajudou-o a formar a enorme e valiosa coleção de gêneros brasileiros e suas espécies, para que ele construiu uma mata artificial de dracenas no seu sítio de Domingos Martins no Espírito Santo e onde pôde adquirir a experiência que ostentava de 52 anos de prática orquidófila, como tinha orgulho de manifestar na sua publicidade nesta revista, em que a cada ano fazia questão de acrescentar o ano vencido.



Profundo conhecedor da flora nativa do Espírito Santo, esse santuário natural, apesar da quase total destruição, ali, da Mata Atlântica, fazia questão de documentar fotograficamente e disseminar seus conhecimentos, através de palestras, conferência e artigos publicados na imprensa especializada, no país e no exterior. Foi um dos constantes colaboradores desta revista, onde exibiu algumas das suas raridades.

Era proprietário do Orquidário Florabela e dos mais antigos anunciantes de Orquidário, em que acreditou e estimulou.

Por isto e pela perda do amigo, a OrquidaRIO se associa à prece de sua família e deseja que seus sucessores possam manter o tesouro que Érico deixou.



FLORABELA, Orquídeas



Em 2003 a Aranda traz um guia com informações para você cultivar melhor.

✿ estação provável de floração ✿ clima propício ✿ cores predominantes



Venha conhecer o catálogo 2003 de plantas da Aranda

✿ híbridos premiados ✿ espécies brasileiras
✿ espécies estrangeiras ✿ super matrizes de Cattleyas
✿ paphios multiflorais

Todos oferecidos em condições excelentes de vigor e preço:
uma ótima combinação!

Compras on line com desconto!